

# A luta antirracista no Brasil e os movimentos de libertação nacional em África: distantes por um passado mítico, aproximados pelas lutas por futuro promissor

**Artigo apresentado de forma virtual na Mesa de Apresentação de Trabalhos do XVIII Seminário Internacional de Lutas contra o Neoliberalismo, no dia 19 de outubro de 2024.**

**Hernando Pacheco Barrionuevo**  
**Daniela Jaqueline Nascimento**  
**Sandro Iris**  
**Pedro Lucas de Sousa Magalhães**  
**Camila Queiroz Milani**

## **Resumo**

O presente artigo aborda a importância para os debates antirracistas no Brasil dos teóricos implicados nas lutas contra a colonização nos países da África na segunda metade do século XX. Buscou-se através da revisão bibliográfica dos próprios dirigentes-teóricos-práticos desses processos entender por que apesar de suas conquistas há uma sobreposição de outros referenciais no resgate da contribuição do continente africano à formação brasileira. Também são apresentadas reflexões sobre como essas experiências com suas respectivas constituições históricas inseriam-se em uma conjuntura internacional de colaboração com o campo socialista, em especial, a URSS e entre os países não alinhados às potências de expressão colonial ou neocolonial consolidaram seu status de poder no pós-guerra. O papel dos movimentos de libertação nacional africanos do séc. XX, e sua opção pelo não alinhamento, contribuem para o debate da ruptura da ordem unipolar, e a nova geopolítica, agora em agravamento pela Crise Orgânica do Capital.

**Palavras-chave:** Colonialismo, Antirracismo, Libertação Nacional, África, Brasil.

## **Resumen**

Este artículo aborda la importancia en el debate antirracista en Brasil de los teóricos involucrados en las luchas contra la colonización en países africanos en la segunda mitad del siglo XX. A través de una revisión bibliográfica de los dirigentes teóricos y prácticos de estos procesos, buscamos comprender por qué, a pesar de sus logros, otras referencias se superponen en la recuperación de la contribución del continente africano a la formación brasileña. También presentamos reflexiones sobre cómo estas experiencias, con sus respectivas constituciones históricas, formaron parte de un contexto internacional de colaboración con el campo socialista, especialmente la URSS, y entre países no alineados con potencias coloniales o neocoloniales, que consolidaron su estatus

de poder en el período de posguerra. El papel de los movimientos de liberación nacional africanos del siglo XX y su opción por el no alineamiento contribuyen al debate sobre la ruptura del orden unipolar y la nueva geopolítica, ahora exacerbada por la Crisis Orgánica del Capital.

**Palabras clave:** Colonialismo, Antirracismo, Liberación Nacional, África, Brasil.

### **Abstract**

This article addresses the importance in the anti-racist debates in Brazil, of theorists involved in the struggles against colonization in African countries in the second half of the 20th century. Through a bibliographic review of the theoretical and practical leaders of these processes, we sought to understand why, despite their achievements, other references overlap in the recovery of the African continent's contribution to Brazilian formation. We also present reflections on how these experiences, with their respective historical constitutions, were part of an international context of collaboration with the socialist camp, especially the USSR, and among countries not aligned with colonial or neocolonial powers, which consolidated their power status in the postwar period. The role of 20th century African national liberation movements and their choice of non-alignment contribute to the debate on the rupture of the unipolar order and the new geopolitics, now exacerbated by the Organic Crisis of the Capital.

**Keywords:** Colonialism, Anti-racism, National Liberation, Africa, Brazil.

### **Introdução**

É comum em pesquisas e discursos de intelectuais e lideranças do Movimento Negro no Brasil se evocar personagens e temas de um passado glorioso no continente africano onde se destacam a ausência de conflitos e contradições. Parece haver uma romantização daquilo que supostamente foram os Reinos e organizações monárquicas onde aparentemente todos os componentes desses reinos usufruíam da riqueza produzida, todos viviam uma vida luxuosa e confortável. Há inclusive uma frase que circula que busca sistematizar essa concepção, a afirmação de que a população negra “não descende de escravos, mas sim de reis e rainhas”.

Está presente nesses discursos uma busca pelo que havia no passado pré -colonização em África, o que é justo. Por outro lado, permanece obscuro porque tais movimentos não buscam nos exemplos recentes de luta em África alguma contribuição. O século XX em África foi marcado pela explosão de inúmeros movimentos de libertação nacional em todo o continente. Nesse sentido se destacaram na história as guerras e conflitos, mas não só, marcaram também as conquistas de independência, a formação de diversos países, e as vitórias inéditas em todas as áreas possíveis: alimentação, saúde, educação, desenvolvimento econômico, industrial, cooperação regional, continental e internacional, combate ao racismo, combate ao machismo, participação das mulheres na política, etc.

Os movimentos de libertação nacional africanos do século XX parecem atingir e

até resolver muitos dos problemas que afetam a população negra no Brasil. Para citar um exemplo, no Moçambique do período colonial mais de 25 mil crianças morriam de sarampo, após a revolução essa média anual especificamente no ano de 1978 caiu para 110 casos (MACHEL, 1979).

Além dos marcos no âmbito nacional, as recém formadas repúblicas em África alteraram e buscavam um papel de destaque na geopolítica internacional. Nesse sentido o papel dos movimentos de libertação nacional africanos do século XX, seu alinhamento internacionalista com colaboração do campo Socialista, em especial Cuba e URSS e sua opção pelo não alinhamento, contribuem para o debate da ruptura da ordem unipolar, e a nova geopolítica, agora em agravamento pela Crise Orgânica do Capital.

No sentido de buscar a contribuição dos movimentos de libertação nacional africanos do século XX, entendemos que seria significativo buscar as contribuições próprias dos atores políticos das revoluções em África. Sendo assim, o objeto de estudo é justamente os autores/atores lideranças e dirigentes dos movimentos de libertação nacional africanos do século XX.

O objetivo geral é contribuir com as discussões antirracistas no Brasil a partir de uma perspectiva dos trabalhos teóricos e práticos dos dirigentes das revoluções ocorridas em África no século XX.

Como objetivos específicos buscamos entender o porquê da sobreposição de outros referenciais no resgate da contribuição do continente africano à formação sócio-histórica brasileira, em especial, de uma busca por um retorno a uma “África Mítica”, em detrimento das contribuições dos teóricos das revoluções em África no século XX; e buscar elementos do campo da geopolítica internacional para contribuir com o debate da nova ordem multipolar e hegemonia.

O método utilizado foi a revisão bibliográfica não sistemática e discussão coletiva de textos de figuras centrais nos processos revolucionários do território africano nas décadas de 1960, 1970 e 1980, para construção de um panorama geral destes objetos/sujeitos de estudo.

Os teóricos escolhidos foram Kwame Nkrumah (Gana), Thomas Sankara (Burkina Faso), Agostinho Neto (Angola), Samora Machel (Moçambique) e Amílcar Cabral (Cabo Verde/Guiné Bissau). Dentre os textos disponíveis em acervos virtuais, foram selecionados com uma leitura prévia aqueles que abordavam temas de centralidade dos debates das pautas raciais, elencados a partir da práxis dos integrantes do grupo de estudo. Entre os temas se destacam as descrições das realidades africanas pré-coloniais, aspectos que caracterizam uma realidade colonial e propostas organizativas. Essas leituras foram complementadas com textos do materialismo histórico entendendo que a metodologia utilizada por todos os teóricos estudados foi essa, logo de forma a aprofundar o entendimento de suas contribuições, também buscamos tais referências.

O artigo está dividido em Resumo, Introdução, Discussão, Conclusão e Referências Bibliográficas.

## Discussão

O líder político e ex-presidente de Gana Kwame Nkrumah em seu artigo de 1967, intitulado “O Socialismo Africano Revisitado” ao debater a questão do esvaziamento do termo “Socialismo Africano” problematiza que

Hoje, a expressão “Socialismo Africano” parece se alinhar à visão de que a sociedade tradicional africana era uma sociedade sem classes, imbuída do espírito de humanismo, e expressa uma nostalgia por esse espírito. Tal concepção do socialismo produz uma imagem fetichista da sociedade comunal africana. Mas essa idílica sociedade sem classes africanas (em que não havia nem ricos nem pobres) que desfrutaria de uma anestesiada serenidade, é certamente uma simplificação fácil; não há nenhuma evidência histórica ou mesmo antropológica da existência de tal sociedade. Temo que a realidade das sociedades africanas fosse um pouco mais sórdida (NKHUMAH, 1967).’

É importante questionar: se os próprios intelectuais africanos e figuras políticas destacadas tais quais Nkrumah, apontam para a contestação desse suposto passado africano monárquico isento de conflitos e contradições, a quem serve a reiterada reprodução dessa concepção em textos e materiais de divulgação diversos? Isso porque a nós parece que não reconhecer/ler intelectuais africanos que chamam atenção para o perigo dessa noção romantizada apontando caminhos alternativos a ela, em detrimento de outros autores, favorece ainda mais a estrutura e aos estratagemas racistas.

Por outro lado, se deixamos de lado processos históricos e agentes da história africana que de fato empreenderam lutas vitoriosas contra o sistema colonial ao passo em que igualmente negavam o passado pré-colonial de opressão em nome de vangloriar os reinados, perdemos a oportunidade de reconhecer o verdadeiro valor e protagonismo dessa população. Existe um processo de desumanização em curso, já apontado inclusive pela historiografia brasileira, quando consideramos a atuação e contribuições da população negra apenas até 1888 quando da formal “abolição da escravatura”. Será que não operamos do mesmo modo ao evocarmos esse passado estático, ignorando a produção intelectual e teórica de africanos que lutaram, lutam e registram esses processos? Olhar para o passado e enxergar sociedades africanas livres de complexas relações de poder econômicas e de conflitos é, portanto, desumaniza-las.

O objetivo da libertação nacional não seria, portanto, o de voltar na história a um status quo anterior, algo segundo Nkrumah (1967) inédito e impossível na evolução das sociedades. O que se busca, porém, é segundo Cabral (1966), concretizar a possibilidade de se passar a uma nova fase do desenvolvimento histórico, e conduzir-se a uma forma superior de existência econômica, social e cultural. Neto (1974), no seu raciocínio para definir quem é o inimigo - da África, da Angola, do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola)- também expõe interpretações da realidade e história africana que falseiam a questão da libertação, e a levam para objetivos outros. O autor inclusive se mostra preocupado com tais interpretações: “...não posso esconder a preocupação por

vezes mal fundamentada para que alguns dos nossos irmãos do outro lado do Oceano Atlântico tenham uma messiânica preocupação de encontrar um Moisés para o regresso à África.” O inimigo da África segundo o autor, é muitas vezes confundido com o branco, e isso vem de uma conclusão imediata, até certo ponto lógica e emocionalmente válida. As condições de vida dos trabalhadores, seus direitos, e as violências que sofriam, em contraposição à riqueza, produzida por eles, e usufruída pelos brancos presentes aos seus olhos, consolida no continente africano essa ideia.

No entanto, o autor continua demonstrando como o mesmo sistema que explora o angolano, explora o camponês pobre em Portugal, ainda que com técnicas diferentes, mas com o mesmo objetivo de explorar. Da mesma forma, o autor coloca a experiência da própria luta pela libertação angolana, onde portugueses conscientes, desertaram e contribuíram ao nacionalismo, de uma forma ou outra, e até mesmo na clandestinidade.

Nkrumah (1967) aponta que a sociedade africana não é a velha sociedade, mas uma nova sociedade que vive com influências históricas da civilização islâmica, e do colonialismo europeu e cristão, e Neto (1974) a respeito da sociedade angolana, concorda ao apontar que os elementos brancos, que em algum momento foram ocupantes, estão agora enraizados e, também pela mestiçagem, fazem parte de uma mesma sociedade. Podendo ser fruto de uma destruição ou conservação da estrutura dominada pelo colonialismo, e fixação menos ou mais massiva de uma população exótica (CABRAL,1966).

Se a luta de libertação em África não deveria ser, segundo os que dirigiam essa luta, uma luta do preto contra o branco, cabe encontrar qual foi então seu caráter e quais seus resultados. Segundo o teórico e dirigente angolano, os objetivos são uma sociedade nova: onde negros e brancos possam viver juntos, onde o poder político pertence ao povo, onde se tenha independência econômica, o reestabelecimento da vida cultural, pela desalienação, pelas relações com todos os povos, numa base de igualdade e fraternidade.

As conquistas das lutas de libertação para os povos da África foram diversas, e nos cabe destacar alguns desses êxitos da luta de libertação. Sankara (1984) coloca alguns dados de como era o então chamado Alto Volta (nome dado pelos colonizadores ao Burkina Faso): Taxa de analfabetismo 98%, um médico por 50.000 habitantes, expectativa de vida de 40 anos, mortalidade infantil de 180/1000. Esses dados são um retrato do colonialismo não só no Burkina Faso. No Moçambique também se apresentavam coisas semelhantes, como o já citado caso do Sarampo, que na era colonial resultava em 25.000 mortes anuais. (MACHEL,1966). Também é notável o caso da educação, tanto básica, como superior. No Moçambique colonial havia 33.000 matriculados no ensino básico, em sua maioria filhos de colonos, após a revolução, 82.000 frequentavam as escolas, na maioria filhos de trabalhadores. No caso do ensino superior havia na época do colonialismo 40 estudantes moçambicanos matriculados, após a revolução se encontravam centenas. Além disso, se destacam a cobertura de médicos por toda a extensão do país, também com ajuda dos países socialistas. Em outros âmbitos cabe destacar a participação da mulher em todos os escalões do Estado no Burkina Faso (SANKARA,1984) e o desenvolvimento fabril em diversas áreas em Moçambique, desenvolvendo máquinas e equipamentos 100% em território nacional (MACHEL,1966).

Além das conquistas em território nacional, cabe destacar o papel importante que

tiveram as então recém formadas nações independentes na geopolítica internacional. Em todos os textos estudados se pode notar a preocupação com os anseios não só nacionais, mas internacionais, além da destacada altivez de seus autores em relação ao resto do mundo.

Além do relevante apoio a luta do CNA (Congresso Nacional Africano) da África do Sul, e a SWAPO (*Southwest Africa People's Organization*) na Namíbia contra o então governo racista sulafricano (MACHEL,1966),(SANKARA,1984); se ressalta a opção pelo não-alinhamento (SANKARA,1984),(NETO,1974) e também o caráter e a ocasião do texto de Cabral (1966), um discurso representando as organizações nacionalistas das colônias portuguesas na 1ª Conferência de solidariedade dos Povos da África, da Ásia e da América Latina em Havana. Com isso se pode afirmar que os movimentos de independência desses países africanos tinham uma preocupação em construir um novo mundo, com uma nova relação entre os povos, e não apenas uma mudança em seus próprios países.

Nesse sentido, por um lado, tal qual argumenta Cabral (1966), as lutas de libertação não são produtos de exportação, mas sim elaboração interna de cada país, e determinadas pela realidade histórica de cada povo com seu sucesso ligado ao conhecimento adequado de sua realidade. Por outro lado, o autor coloca a necessidade de se dar conta dos problemas comuns dos movimentos de libertação, na África, e também de forma tricontinental.

Nesse sentido também, Sankara (1984) após uma extensa apresentação dos problemas que vive a humanidade nos vários continentes, parafraseia José Martí e afirma que “*sentimos nas nossas faces as pancadas dadas a todos os homens do mundo*”. Neto (1974) cita a importância da relação de amizade entre os povos da África, a amizade com os países socialistas, e com os não-alinhados, e a ligação do combate às formas de colonialismo com as lutas ao redor do mundo, num esforço de alcançar o “*desejo comum do homem sobre a Terra, de se considerar livre*”. Sankara (1984) constrói seu discurso em torno de “*um verdadeiro novo sistema de relações econômicas internacional*” e coloca a importância da Organização das Nações Unidas como tribuna para os países que geralmente não têm voz, mas ao mesmo tempo critica o “*escandaloso*” direito de veto de alguns, e seu abuso, fazendo com que apenas alguns países de fato tomem as decisões do órgão.

## **Conclusão**

Por um lado concordamos que o apagamento dos referenciais revolucionários e a exaltação do passado mítico é um erro que até contradiz os objetivos dos movimentos na luta antirracista no Brasil. Por outro lado, entendemos que é possível compreender de onde surge a visão que enaltece por exemplo o passado das monarquias em África. Durante muito tempo a brutal violência racial apregooou que homens e mulheres negras eram inferiores e portanto foram escravizados; que eram inferiores e por essa razão os descendentes desses escravizados eram igualmente incapazes, feios e ineptos. Nesse sentido, na tentativa de se contrapor a essa descrição absolutamente errônea e distorcida, passou-se a afirmar que mulheres e homens negros não descendem de escravos e sim de grandes monarcas e famílias reais do continente africano.

Acontece que uma avaliação um tanto mais reflexiva diante dessa afirmação nos leva imediatamente a perceber que não é possível que toda a população preta brasileira descende diretamente de reis e rainhas, e também nos leva a pensar até que ponto isso seria algo de fato bom a ser herdado, visto que em cada época da história as classes dominantes usaram (e usam) da violência para submeter as classes dominadas à exploração, humilhações, torturas e morte.

Esse entendimento do período histórico comunal em África, sem contradições, ou ainda a ideia dos tempos monárquicos, pode ser contraditório para o próprio objetivo dos movimentos que pretendem-se não desejar reforçar estereótipos racistas. A romantização e a falta de crítica, acabam por incorrer em retirar a agência histórica desses milhares de povos que ali viviam, no entanto, o mais grave é destacarmos esses processos históricos a despeito de outros tais quais as lutas vitoriosas pela libertação da colonização em fins do século XX em África. É como se mais uma vez, tal qual a narrativa racista, se afirmasse que a população negra não se mobiliza com organização e ciência social nesses mesmos processos históricos, eles só existem, portanto, passivamente ou enquanto uma narrativa mítica num tempo distante.

Uma das explicações para tal fenômeno, nos parece ser que por mais que se busque outras classes, a exemplo da nobreza, que em parte já nem existem na nossa realidade, tal desejo de ser ou descender de uma classe dominante, nada mais é do que uma ideia dominante também de nosso tempo, uma ideia das classes dominantes de hoje: de que a dignidade e a honra, só se conseguem ao se espelhar na classe dominante.

Nesse sentido os movimentos na luta antirracista no Brasil “saltam” o período do século XX das lutas em África, dos seus povos e suas lideranças, e as contribuições teóricas e práticas das lutas de libertação nacional, independência, construção do socialismo, etc., e aterrissam em uma África mítica, longínqua e talvez sequer real, a idílica sociedade comunal e sem classes africana ou a sociedade onde todos eram reis e rainhas.

Apesar das inúmeras conquistas dos movimentos de libertação nacional desses países - ainda que sejam muito mais do que as presentes nesse trabalho, que não tem como objetivo sistematizá-las - os movimentos da luta antirracista no Brasil não parecem resgatar essas experiências, nem seus referenciais.

A leitura e as discussões dos textos evidenciaram a fundamentação dessas lutas no socialismo-científico, refletindo os desafios da construção de uma nova sociedade com profundos debates sobre as questões raciais e propostas organizativas. Além disso, os autores estudados apresentam discussões que se estendem ao nosso tempo e espaço para ajudar no entendimento justamente do apagamento desses próprios autores. Representam também um relato da importância histórica da África para um cenário internacional marcado pela ruptura com o capitalismo e suas vertentes neocoloniais, e nesse sentido se pode compreender a realidade brasileira para uma melhor contribuição global.

Entendemos durante o processo de discussão coletiva e escrita que este estudo está ainda limitado e deve se completar com posterior definição e análise das linhas que compõe os movimentos da luta antirracista no Brasil além da definição de suas origens e bases teóricas.

## Referências

NETO, Agostinho. **Quem é o inimigo? Qual é o nosso objetivo?**: conferência feita na universidade de dar es salaam. Tanzania: MPLA, 1974. 16 p. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/neto/1974/02/07.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1980/arma/index.htm>. Acesso em: 13 set. 2024.

MACHEL, Samora. **Fazer viver a linha do partido em cada trabalhador**. Maputo: Edição do Partido Frelimo, 1979. 36 p. (Palavras de Ordem). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/frelimo/pdf/09.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

NKRUMAH, Kuame. **O Socialismo Africano Revisitado**. Ed. Arquivo Marxista na Internet, 1967. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/nkrumah/1967/mes/socialismo.htm>>

SANKARA, Thomas. **Discurso perante a Assembleia Geral das Nações Unidas**. Ed. Arquivo Marxista na Internet, 1987. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/sankara/1984/10/04.htm>> Acesso em: 13 set. 2024.